

Para quem sabe ler, um pingo é letra ou a linguagem e os provérbios: uma breve articulação à luz da teoria lacaniana

Language and proverbs: a brief articulation in the light of lacanian theory

Recebido: 08/01/2021 | Aceito: 15/05/2021 | Publicado: 20/06/2021

Simone Dias Souza Doscher da Fonseca¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9373-561X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3136794567620935>

Faculdade Processus, DF, Brasil

E-mail: simonedoscher@gmail.com

Resumo

O objetivo deste manuscrito é discutir brevemente a apropriação dos conceitos linguísticos pela Psicanálise Lacaniana com destaque para aqueles relacionados ao significante e à metáfora. As inquietações advindas da vivência como aluna especial do Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade de Brasília constituíram-se como estímulo para esse esboço de estudo. Além disso, interessou-se identificar como essa apropriação contribui para um processo de diferenciação entre a Linguística e a Psicanálise e a elaboração de aspectos da teoria psicanalítica a partir de Lacan.

Palavras-chave: Provérbios. Significante. Psicanálise.

Abstract

The purpose of this manuscript is to briefly discuss the appropriation of linguistic concepts by Lacanian Psychoanalysis, highlighting those related to the signifier and metaphor. The concerns arising from the experience as a special student of the Postgraduate Program in Psychology at the University of Brasília constituted a stimulus for this study outline. Furthermore, we were interested in identifying how this appropriation contributes to a process of differentiation between Linguistics and Psychoanalysis and the elaboration of aspects of psychoanalytic theory based on Lacan.

Keywords: Proverbs. Significant. Psychoanalysis.

¹ Possui mestrado em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2004), especialização em Psicopedagogia pela Universidade Estácio de Sá, Formação em terapia familiar pela Vínculo - Oficina Psicossocial e graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho (1991)

Introdução

Há tempos os provérbios exercem um certo encanto sobre esta autora, no sentido de buscar entender que linguagem é essa que subjaz o que é meramente dito. Entender como, mesmo com o passar dos tempos, os provérbios continuam sendo usados por gerações sem, contudo, ser alterada a sua forma. Identificar quais seriam as fontes de abastecimento desse legado de gerações. Iniciar um entendimento e estabelecer o fio condutor, ainda que tênue, entre a leitura lacaniana acerca da linguagem e o fenômeno linguístico dos provérbios para uma leitura mais técnica sobre seus efeitos e mecanismos sobre o eu, me parece ser uma interessante contribuição para o diálogo que estabelecemos a partir dos nossos encontros.

As teorias psicanalítica e linguística parecem concorrer em alguns aspectos, porém, são indissociavelmente distintas o que traz um caráter único e peculiar para a teoria lacaniana. Sendo assim, a principal intenção deste breve manuscrito é pretender uma interlocução entre os provérbios populares com os conceitos psicanalíticos acerca do seu uso e da sua função social significante.

Foi na obra “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (Lacan, 1998), que a psicanálise Lacaniana engendra o conceito de inconsciente estruturado como linguagem a partir da apropriação de conceitos da linguística numa tentativa de criar algo distintamente novo, sem, contudo, deixar de indicar suas verdadeiras inspirações, seu ponto de partida, ainda que discretamente, segundo Arrivé (1999), a saber, o legado de Saussure.

“A linguística pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferentes.” (Lacan, 1998, p. 286) Conforme, nos alerta Arrivé (1999, p.82) “é ela a própria metalinguagem de uma outra linguagem - a de Saussure...”

Cabe verificar que Lacan não incorporou a teoria linguística no sentido de importá-la, mas de repensá-la para além do que fora proposto por Saussure e ainda, estruturar sua teoria e reforçar sua proposição de que o inconsciente é estruturado como linguagem.

Contudo, segundo Arrivé (1999), Freud já iluminava o caminho para a linguística quando por meio de sua obra abordava conceitos simbólicos como inconsciente, lapso e sonhos, atos falhos. Lacan (1998) também delimita seu empenho investigativo como um “retorno a Freud” (p. 403).

Em relação ao desenvolvimento da psicanálise sob a abordagem lacaniana, é Miller que nos sinaliza que todo seu fundamento se orientou nas bases da psicanálise freudiana.

Lacan não traçou como seu objetivo reinventar a psicanálise. Pôs o começo de seu ensino sob o signo de um retorno a Freud. Apenas formulou, a propósito da psicanálise, uma pergunta fundamentalmente crítica: quais são suas condições de possibilidade? E qual foi a resposta? A psicanálise só é possível se, e somente se, o inconsciente está estruturado como uma linguagem. O que se chama o ensino de Lacan é o desenvolvimento dessa hipótese até suas últimas consequências. (Miller, 1988, p. 12)

Lacan tinha como propósito demonstrar a psicanálise a partir do que ela é, bem como do que ela não se propõe a ser. Sendo assim, retomou ao estatuto do inconsciente para fundamentar sua proposta de ensino.

Em outro momento, o próprio Lacan (1998) nos revela a abordagem:

A função simbólica apresenta-se como um duplo movimento no sujeito: o homem faz de sua ação um objeto, mas para a ela devolver em tempo hábil seu lugar fundador. Nesse equívoco, que opera a todo instante, reside todo o progresso de uma função em que se alternam a ação e o conhecimento. (p. 286)

Lacan propõe em seu ensino o abandono da interlocução entre significante e significado desvinculando-se por completo da teoria de Saussure. Não obstante a esse afastamento, Lacan institui uma forma diferente de explicar o inconsciente e apresenta-nos uma nova fórmula, um algoritmo sobre o qual desenha toda a sua teoria. Com isso, institui que não existe um significado fixo para um significante, ele é volátil. É na linguagem, propõe Lacan, que o significante que representa o desejo inconsciente do seu movimento metonímico ou de sintomas como formações defensivas e realização de desejo. Apresenta uma estrutura metafórica que são formas do significante se articular com outro significante, algo que remete ao próprio sujeito.

Para Saussure (2006),

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (p. 80)

Aqui, percebe-se a ligação do significante à ordem do significado por meio da sua elaboração do conceito de signo.

Para Saussure, o signo é originário da conexão entre significante e significado, dois domínios da teoria que inaugura a linguística. O símbolo dá sentido e suporta o signo, por meio da imagem que é a impressão psíquica do som. A imagem acústica associada ao conceito de algo gera o significante ou a impressão acústica daquele signo. Lacan, como leitor de Saussure, segundo Arrivé (1999), deduz que a relação entre significante e significado tal qual proposta não existe. Para Lacan, o significado se transforma em significante por ser subjetivo e pessoal da ordem da representatividade. Segue um incessante deslizamento na cadeia de significantes. Ressalta a primazia do significante sobre o significado.

Diferente do linguista, Lacan se debruça sobre a teoria do significante e estabelece a partir de então o algoritmo: S/s que ele mesmo orienta como deve ser lido: “significante sobre significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas” (Lacan, 1998, p. 500). Considerar o traço com valor de barra ou barreira envolve, certamente, algo que separa, mas, consoante ao indicado por Arrivé (1999), “é também algo que pode ser atravessado” (p. 85) privilegia o significante em desfavor do significado.

“Se não houvesse essa barra, com efeito, nada poderia ser explicado, da linguagem, pela linguística. Se não houvesse essa barra acima da qual há significante passando, vocês não poderiam ver que há injeção de significante no significado. (...) Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito do discurso que se chama a escrita.” (Lacan, 1982, p. 48-49)

Segundo Lacan (1998, p. 498) a experiência instalada pela tradição por meio do discurso funda as estruturas elementares da cultura que ordenam as trocas inconscientes autorizadas pela linguagem.

Já Fink (1998), nos lembra que:

A linguagem funciona. A linguagem "vive" e "respira", independentemente de qualquer sujeito humano. Os falantes, para além de simplesmente usarem a linguagem como instrumento, também são usados por ela; eles são os joguetes da linguagem e são ludibriados por ela. . . A linguagem tem vida própria. A linguagem como Outro traz consigo leis, exceções, expressões e léxicos (vocabulários e jargões padrões, dialetos, tecnofala especializada e dialetos subculturais). (p. 32)

A palavra provérbio é originária do termo latim *proverbium*, de pro, “em lugar de, em vez de”, entendido aqui como verbum, a “palavra” significa aqui “algo pronunciado publicamente”. É uma estrutura composta que apresenta-se com mais de uma palavra, portanto, integra o conceito de unidade fraseológica. “É caracterizada externamente por uma certa concisão e brevidade e, no plano interno, por apresentar elementos metafóricos que contêm uma mensagem de valores gerais referendada através de gerações e que deve ser seguida”. (Júnior, 2017, p.9)

Segundo o dicionário Michaelis, provérbio significa: “uma frase curta de caráter prático e popular, geralmente com ritmo e rima, rica em imagens e sentidos figurados, que contém uma síntese a respeito de uma regra social ou moral”

... uma concepção que vê a língua como enunciação, discurso, não apenas como comunicação, que, portanto, inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto em que é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua utilização. Essa nova concepção vem ela também alterando em sua essência o ensino da leitura e da escrita, agora vistas como processo de interação autor-texto-leitor, em determinadas circunstâncias de enunciação

e no quadro das práticas socioculturais contemporâneas de uso da escrita, e vem ainda alterando as atividades de desenvolvimento da linguagem oral, considerada esta sempre como interação, em que sentidos são produzidos por e para uma situação discursiva específica. (Soares, 1998, p. 59)

Reboul (1975), citado por Ghiraldelo (2020), apresenta os atributos do provérbio:

...(i) resumem, em geral, uma narrativa; (ii) são intraduzíveis; (iii) passam um ensinamento de maneira sumária; (iv) os destinatários são anônimos; (v) são curtos, podendo ser uma frase nominal ou até mesmo um sintagma; (vi) aproximam da oralidade, podendo transgredir a gramática da língua escrita; (vii) apresentam rimas, repetições, ritmos, metáforas e outras figuras de linguagem e pensamento. (p. 224)

A utilização social de provérbios como narrativa remete-nos a pensar na questão do algoritmo lacaniano. O significante atua de forma inconsciente se fazendo presente no sujeito para designar aquilo que escondido dele mesmo, encontra-se reconhecido sem ser conhecido.

Segundo Safouan, citado por Chemana (2002), "O nervo da metáfora está na substituição como tal", e não nos termos que são substituídos um pelo outro. Por isso, os provérbios parecem ser tão úteis e válidos na comunicação: eles dissipam a presença de quem o emite e torna-se revelador de conteúdo inconsciente que, substituído metaforicamente numa única imagem, atualiza os significantes tanto para quem emite quanto para quem recebe a mensagem que, embora diferentes, têm valor inconsciente de mensagem.

Tais expressões e metáforas são selecionadas em um Outro lugar que não a consciência. Lacan sugere que abordemos o processo como aquele em que há duas cadeias de discurso que caminham aproximadamente paralelas uma à outra (num sentido figurado), cada uma se "desdobrando" e se desenvolvendo ao longo de uma linha temporal, digamos assim, uma das quais às vezes interrompe ou intervém na outra. (Fink, 1999, p. 33)

O sujeito portador de possibilidades de comunicação e expressão de sentimentos e emoções por meio da linguagem precisa, tal qual Lacan, pronunciou, se definir a partir do Outro. O grande outro, caracterizado em sua teoria como um lugar simbólico de onde recebe a propriedade de escutar a si mesmo para além da função egóica. Aqui, percebe-se que a condição de comunicação perpassa pela relação com o Outro contudo, não se limita a ela. Há a necessidade de considerar a si mesmo e ao Outro colocando em pauta a subjetividade sem prescindir da linguagem.

A proposição lacaniana pressupõe o entendimento de que o significante elabora a mensagem a partir das questões inconscientes de forma individual e figurativa. A condensação que convoca a superposição de significados e o deslocamento que se ocupa de transportar a significação é fenômeno imposto à para a consecução de material significante.

A estrutura de cadeia significante revela a possibilidade de servir-se da língua para expressar algo completamente diferente do que ela diz. Função mais digna de ser enfatizada na fala do que disfarçar o pensamento. Indica o lugar desse sujeito na busca da verdade. (Lacan, 1998, p. 508)

Assim sendo, para Lacan, as metáforas presentes nos provérbios parecem apresentar uma estrutura que permite ao sujeito elaborar/emitir seu significante ao utilizar seus recursos, a despeito da lógica social ou ensinamento sumário que o provérbio possa ter. Nessa cadeia deslizante de significantes, cada sujeito o utiliza a partir de seus próprios referenciais que, embora inconscientes e não conhecidos, se prestam a explicar aquilo que fora em outro momento guardado a sete chaves. A barra que separa o significante do significado no algoritmo proposto por Lacan, parece aqui tal como explicado por Arrivé, como o traço traspassado que faz a articulação desses significantes para o sujeito. O provérbio não demanda explicação, justificativas, posto que fala por si mesmo, cabe aos sujeitos falantes uma acomodação em sua cadeia de significantes para dar-lhe sentido adequado aos seus propósitos ainda que inconscientes.

Apenas um significante não pode presumir a propriedade de coletivização, observá-lo como uma coletividade pressupõe que o significante já pode ser coletivizado, que se pode fazer ele uma coleção, falar dele como de algo que se totaliza? Ainda que, em particular para o linguista, seja bastante difícil coletivizar o significante, fundá-lo, certamente, não se pode limitá-lo ao fonema nem tampouco à palavra, que não tem outro ponto onde possa ser feita sua coleção a não ser no dicionário. (Chemana, 2002, p. 4)

Cabe enfatizar que para a função que se propõe na teoria lacaniana, o provérbio precisa ser lembrado como uma única palavra, mesmo sendo uma unidade fraseológica, consoante Júnior, 2017. Apenas a imagem do provérbio não funciona como condição para estabelecer o deslizamento de significantes proposto por Lacan e da mesma forma, funcionaria precariamente caso fosse tomado por provérbio puramente. Devem ser entendidos como significantes de ordem enigmática que se antecedem ao sentido e portanto inconsciente. E, justamente por isso, que o inconsciente pode também ser conceituado como uma cadeia de significantes que ao se repetir, deslizar, insiste em ingerir-se do discurso, frequentando o discurso falado como aquilo se não se tinha a intenção de revelar.

Os provérbios por eles mesmos não têm significado algum. Para serem possuidores de sentido precisam estar articulados a um contexto, a uma situação que lhes anteceda e lhes imponha de forma transversalizada um nexos. É o sujeito então que consegue realizar esse chamamento de sentido, visto que colocá-lo em foco é função do significante.

Aqui encontra-se um possível caminho para responder a pergunta inicial deste manuscrito. A eficácia da utilização dos provérbios populares parece se dar pelo fato de eles atenderem plenamente às demandas de significantes de cada sujeito que os

utiliza. Pelo fato de não portarem sentido anterior e próprio ficam ao sabor das necessidades de significação de cada sujeito falante que o emprega. Acredita-se ainda caber demonstrar que, socialmente, ajudam a construir uma coletividade que a despeito de usarem os mesmos provérbios com as mesmas palavras, por várias gerações eles são guarnecidos socialmente pela cultura e pela língua, embora esse guarnecimento não explique sozinho a sua utilização, percebe-se como reforçador da linguagem aprendida no grupo social e respaldada pela presença do grande Outro que habita em cada um dos sujeitos falantes que usufruem da linguagem para a expressão do seu eu. O significado que é outorgado a um significante é consequentemente decorrência do discurso e é isto que possibilita o relacionamento entre as pessoas.

Considerações finais

Retoma-se aqui parte do título dessa breve escrita: para quem sabe ler, um pingo é letra. Uma “brincadeira” a partir dos meus significantes sobre a necessidade de fazer uma leitura mais apurada acerca dessa proposição que vem à luz a partir de inquietações próprias, mas que, evidentemente, distante ainda de conseguir propor uma articulação satisfatória com a Psicanálise lacaniana que venha entendê-la de fato. Supondo ainda necessitar de mais leituras e quem sabe mais tempo de análise, o provérbio parece indicar um caminho a ser trilhado.

Referências

Araújo, I. L. Subjetividade e linguagem são mutuamente excludentes? Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 14, n. 21, p. 83-103, 26 set. 2010.

Arrivé, M. (1999) Lacan, Leitor de Saussure. In Arrivé, M., Linguística e Psicanálise – Linguística e Inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. (pp. 72-114).

Jorge Zahar. Castro, Manuel Laureano de. (1992). Provérbios e o inconsciente. *Psicologia USP*, 3(1-2), 151-155. Recuperado em 16 de maio de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100015&lng=pt&tlng=pt.

Chemana, Roland (2002) Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano. Porto Alegre: CMC Editora.

Fink, Bruce. (1998) O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Ghiraldelo, Claudete Moreno. “Pra Burro Só Falta Pena”: deslocamento subjetivo através de provérbio. Entremeios [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Temática, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso

Alegre (MG), vol. 22, p. 222-235, jul. - dez. 2020. DOI:
<http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol22pagina222a235>

Júnior, B. Álvaro Alfredo. (2017) Estudos Sobre a Literatura Latina Medieval – Os Provérbios. In Revista da Academia Brasileira de Filologia Nova Fase N.º XXI.

Lacan, J. (1998) Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____, J. (1982) O seminário, livro 20, Mais ainda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
Saussure, Ferdinand. (2006) Curso de Lingüística Geral, 10 ed., São Paulo, Cultrix.
Soares, M. Concepções de linguagem e o ensino da Língua Portuguesa. In: Bastos, N. B. (Org.). Língua Portuguesa: história, perspectivas, ensino. São Paulo: Educ, 1998.